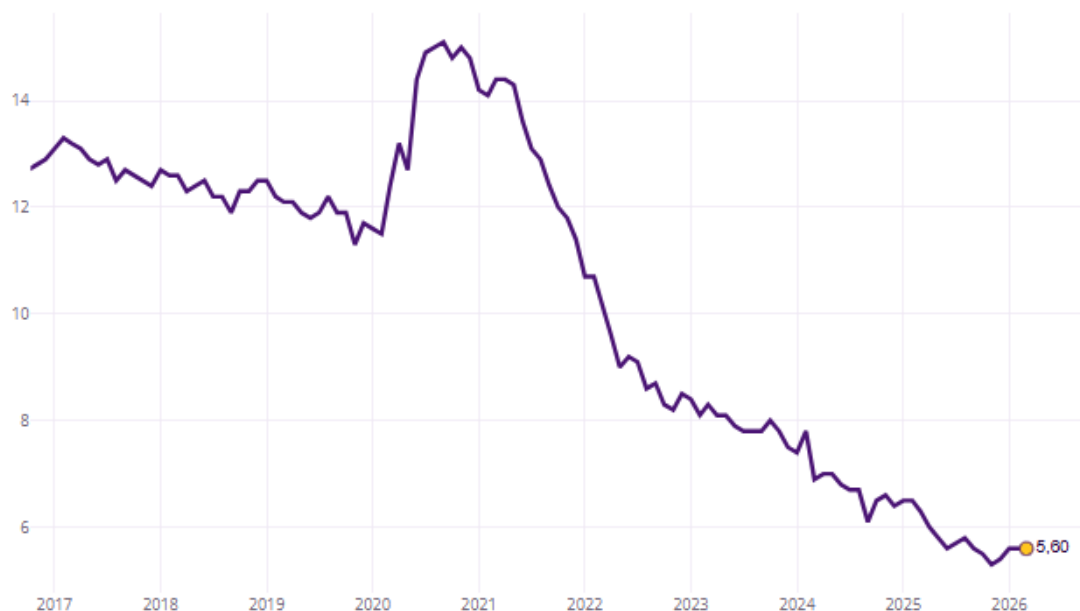


O Mercado de Trabalho avança, mas os desafios de inclusão produtiva permanecem e precisam ser superados

Emerson Braz

Os indicadores apresentados revelam um quadro amplamente favorável do mercado de trabalho. A combinação entre queda da desocupação, aumento da ocupação e redução da subutilização da força de trabalho (dados que mostraremos a seguir) sugerem um processo consistente de absorção de trabalhadores e fortalecimento da atividade econômica. Contudo, os dados indicam que a melhora quantitativa do emprego ainda convive com desafios significativos relacionados à ampliação da participação laboral, à qualidade das ocupações e à consolidação de uma trajetória de crescimento socialmente inclusiva. Por tanto, o Brasil está incorporando equitativamente mais pessoas ao mercado de trabalho ou apenas reduzindo o desemprego? Existem desafios a serem superados?

Taxa de Desocupação das Pessoas de 14 ou mais - Dessazonalizado



Fonte: IBGE-PNAD | Elaboração: RISO

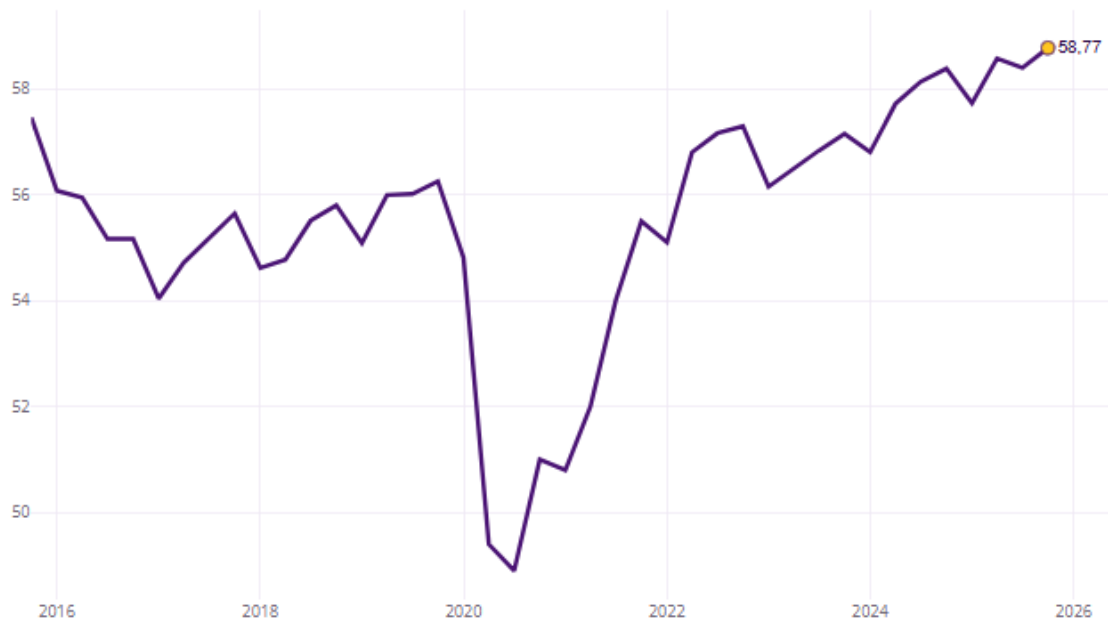
O movimento mais relevante é observado na taxa de desocupação. O indicador atingiu **5,60% no primeiro trimestre de 2026**, o menor valor da série apresentada. Além disso, houve redução de **11,11% em relação ao mesmo período do ano anterior**, evidenciando que a melhora não decorre apenas de oscilações de curto prazo, mas de uma tendência importante de fortalecimento da ocupação.

Essa trajetória é acompanhada pelo crescimento do nível de ocupação, que alcançou **58,77%**, o maior valor do período analisado. A série mostra expansão relativamente contínua desde 2021, quando o indicador, por conta da crise sanitária da COVID-19, se encontrava próximo de 51%.

O aumento da ocupação é particularmente relevante porque o trabalho é o principal mecanismo de inclusão econômica e social da população. A renda é o principal mecanismo de valorização social do indivíduo, possibilitando acesso a diferentes graus de segurança social e de redução da incerteza. Assim, quanto maior a capacidade de absorção do mercado de trabalho,

maiores tendem a ser os efeitos sobre geração de renda, redução da vulnerabilidade e fortalecimento do consumo das famílias.

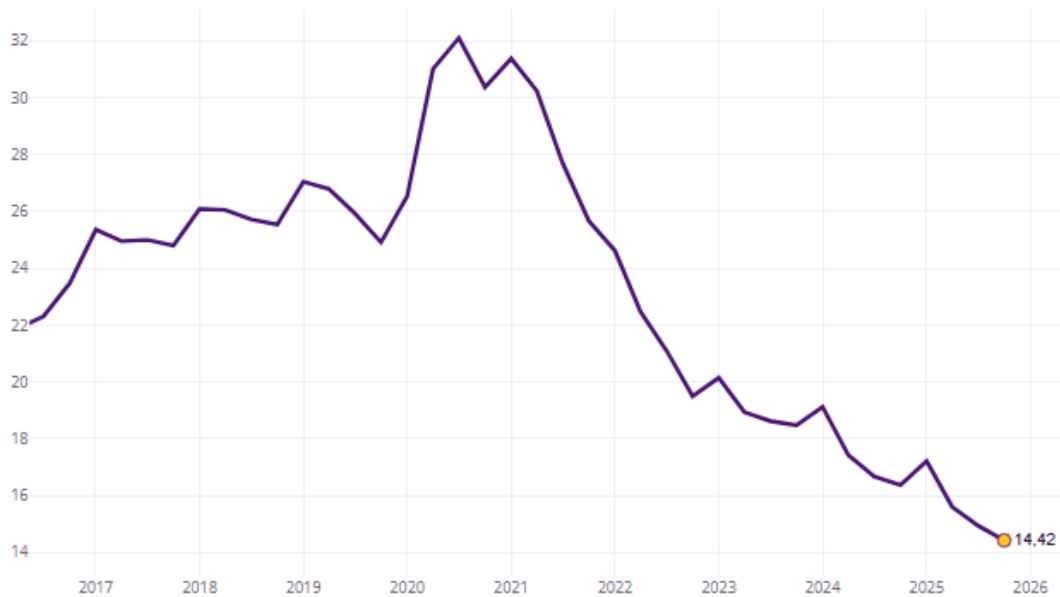
Nível da Ocupação – Brasil entre 2016 e 2026



Fonte: IBGE-PNAD | Elaboração: RISO

Outro indicador que reforça essa leitura é a taxa de subutilização da força de trabalho. O indicador recuou para **14,42%**, registrando redução de **11,88% em relação ao ano anterior** e atingindo o menor patamar de toda a série observada. A importância desse movimento vai além da simples queda do desemprego. A subutilização tem sua importância, pois capta diferentes formas de inserção no mercado de trabalho, incluindo trabalhadores subocupados ou com potencial de trabalho não plenamente aproveitado (esse conceito equivale a trabalhadores que aceitariam trabalhar mais, porém não encontra oportunidades). Sua redução sugere que a melhora recente do mercado de trabalho é relativamente abrangente e não se limita apenas à diminuição do desemprego aberto.

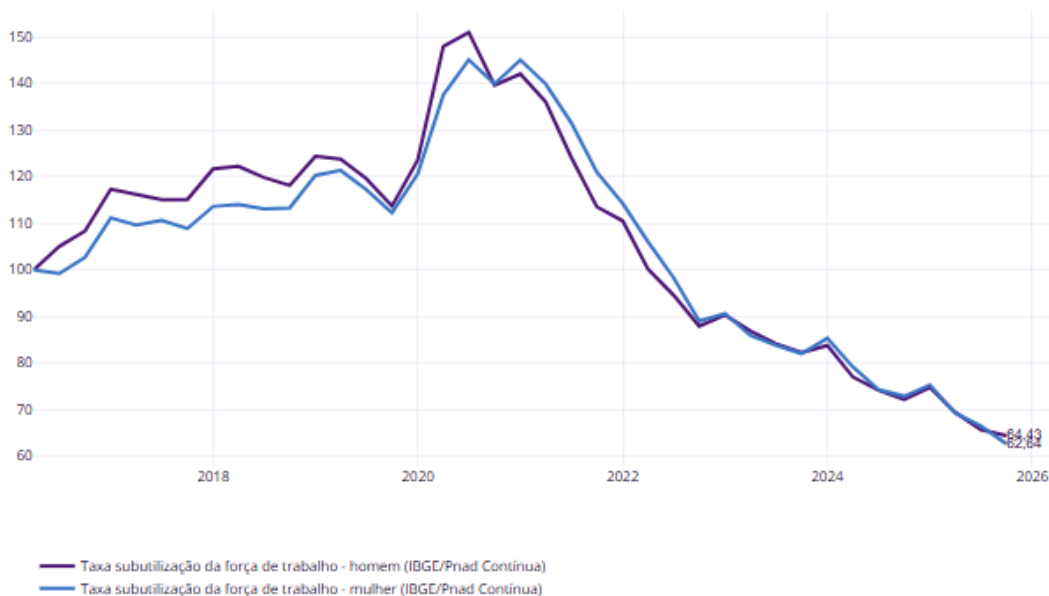
Taxa subutilização da força de trabalho – Brasil entre 2016 e 2026



Fonte: IBGE-PNAD | Elaboração: RISO

A comparação entre homens e mulheres aponta dinâmicas semelhantes. As duas curvas apresentam forte queda desde o período de maior fragilidade observado em 2020 e 2021. Embora existam diferenças pontuais entre os grupos, o movimento geral, conjunto, indica que a redução da subutilização é relativamente amplo da população economicamente ativa. O gráfico a seguir demonstra como a queda tem persistido para ambos os grupos.

Taxa subutilização da força de trabalho segmentado por gênero– Brasil entre 2016 e 2026 – Índice do período abr/2016 = 100



Fonte: IBGE-PNAD | Elaboração: RISO

Apesar desses resultados positivos, os dados também revelam elementos que merecem atenção dos formuladores de políticas públicas. Essa constatação é importante porque o

desenvolvimento econômico sustentável depende não apenas da criação de empregos, mas também da ampliação das oportunidades de participação produtiva e da qualidade do emprego. Quando parcelas da população permanecem fora da força de trabalho, podem persistir barreiras relacionadas à qualificação profissional, mobilidade territorial, acesso a serviços públicos ou dificuldades de inserção em mercados de trabalho.

A falta de oportunidades também é característica relevante nesta discussão, pois em cenários em que a mão de obra evolui, se profissionaliza e, não encontra oportunidades no nível da qualificação também se cria um gap acerca da ocupação, pois ocupados não necessariamente são bem remunerados.

Outra questão relevante para esta análise e, que discutiremos brevemente, está na dificuldade em, ao passo que se reduz a desocupação e o desemprego, de os ganhos salariais serem equitativos, sem que haja distinção acerca de características sociais, de gênero e de raça. O gráfico abaixo exhibe, por índice, como a partir de 2012, a discrepância entre rendimentos médios ganhos entre brancos, pardos e negros. Brancos recebem entorno de R\$ 4,098 em abril de 2026, enquanto Pardos receberam R\$ 3.188,00 e Negros R\$ 2.885,90.

Rendimento Médio Real Todos para Indivíduos – Cor Branca, Parda e Negra - Índice do período abr/2012 = 100



Fonte: IBGE-PNAD | Elaboração: RISO

Assim, o rendimento médio por cor da pele é apenas uma das facetas para a análise das disparidades acerca do mercado de trabalho. Sob a perspectiva do desenvolvimento, os dados nos levam a concluir que o mercado de trabalho é o principal indutor do mercado interno. A combinação entre maior ocupação e menor subutilização eleva a renda agregada das famílias, ampliando a capacidade de consumo e sustentando a demanda por bens e serviços. Esse mecanismo é relevante em na economia brasileira, especialmente por conta da capacidade e do impacto que tem o consumo das famílias sobre a demanda agregada total, ou seja, se existe disponibilidade para consumir e renda crescendo, a tendência é que a produção e o consumo alimentem o crescimento econômico.

Por isso, discutir empregos somente pela ótica da ocupação e da taxa de desocupação pode cegar a visão de gestores públicos. Não que não sejam relevantes, pois são, mas após a conquista de redução do contingente de desocupados, deve-se discutir os problemas estruturais

que impedem que exista empregos de qualidade, com boas remunerações e que garantam um aumento na qualidade de vida da sociedade.

A leitura conjunta das séries sugere que o país atravessa uma fase de fortalecimento do mercado de trabalho, mas ainda enfrenta o desafio de transformar essa recuperação em um processo mais profundo de inclusão produtiva e desenvolvimento econômico. Para isso, torna-se fundamental ampliar a capacidade de absorção de trabalhadores em atividades de maior produtividade, promover qualificação profissional e fortalecer estratégias de desenvolvimento regional capazes de gerar oportunidades em diferentes territórios.

Em síntese, os dados mostram um mercado de trabalho mais forte e menos ocioso do que nos anos anteriores. Contudo, a consolidação de uma trajetória de desenvolvimento inclusivo dependerá da capacidade das políticas públicas de converter essa melhora em aumento sustentável da produtividade, ampliação das oportunidades econômicas e redução duradoura das desigualdades sociais e territoriais.